

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



O LIVRO

Escrito em 1953 (?).

1955, *O Livro*, in *Peças de Teatro*, Lisboa, ed. Campanha Nacional de Educação de Adultos.

Representado em: 1953 (campanha nacional de educação de adultos: Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Braga, Espinho, Aveiro, Figueira da Foz, Leiria, Nazaré, Caldas da Rainha, Santarém), 1953 (Teatro Nacional D. Maria II), 1953 (Liceu Pedro Nunes, Lisboa), 1954 (Liceu Pedro Nunes, Lisboa) — todos os espectáculos, dir. A. M. Couto Viana.

O LIVRO

Entremez

PERSONAGENS

GIL

SILVESTRE

O CAIXEIRO-VIAJANTE

O ESCRIVÃO

CRISTÓVÃO

UMA VOZ



Caminho na orla dum pinhal.

Entra Gil. Tipo de aldeão; a vivacidade e a esperteza características do saloio não excluem, no entanto, os traços profundos que singularizam o povo português: imaginação fresca, veia sonhadora, capacidade de viver poeticamente a aventura.

Gil enverga o trajo domingueiro; ao ombro, o clássico varapau, mais o saco de chita de cores berrantes.

GIL — Ora desta vez é que é certo. Ganhei a aprovação nos exames de leitura e escrita, graças ao senhor prior. Já não sou analfabeto, e, por conseguinte, posso embarcar... Dito e feito. Se bem o pensei, melhor o fiz. Arrecadei no lenço o dinheiro e atei-lhe três nós bem contados; enfiei no saco a oferta do padrinho, as roupas e a merenda, a broa, o conduto, a garrafinha de água-pé — e pronto! Doravante não quero saber de palpites. Nem tir-te, nem guar-te. Está sabido e ressabido: vou para Lisboa, para a capital do Império, como dizem os senhores importantes... e depois sigo viagem... A camioneta passa além, antes do meio-dia; de modos que eu ponho-me aqui, à beira da estrada, até que ela chegue... que um homem sempre

pode esperar, visto que não é movido a motor, mas o raio da sujeita é que não espera por nós!... (*Depõe no chão o sacco de chita e o varapau.*) Pois, é verdade — tão certo como eu chamar-me Gil... o Gil da ribeira, o Gil bailador... Deixo a minha terrinha... se até já vendi o meu quinhão ao Zé, ao Brás e ao Temudo... Deixo a minha mãe — velhinha, coitada, e um bocadinho rabugenta com os Invernos — e o meu rico padrinho — um homem às direitas, benza-o Deus!... E deixo a minha mais-que-tudo, o meu derriço, a Inês da Tia Ana, que me deu namoro na feira das Caldas — ai, adeus, adeus, que só de pensar nela me arrepanho!... E deixo as romarias e procissões, os bailes e cantigas!... Bonda, que não são pecados os folguedos!... E deixo também os meus irmãos, rijos como faias; dois foram às sortes e o terceiro anda à bica... E deixo a minha irmã Brígida, viúva quase desde criança, mais os cachopos, com a fralda de fora... E deixo a vinha, o trugal, as ovelhas, a vaca e o porco... Deixo tudo o que era meu, e em que eu tinha posto os meus cuidados, deleites e ralações... e ala! Embarco para a África, a tentar fortuna... à ilharga do Tomé das Bouças, que por lá anda... Mas não se julgue que é fantasia, não, senhores. Bem sei eu que o pão há-de ser duro de ganhar em qualquer parte, e assim como assim tenho este corpo adomado às canseiras da lavoura. Não se me dava de ficar aonde Deus quis que eu nascesse. (*Baixa a voz; entre risonho e zombeteiro.*) E o coração cá me fica. (*Um tempo.*) Mas o que tem de ser tem muita força — pois quê? Não resta dúvida que é preciso que haja emigrantes. Os portugueses são caseiros: gostam de casar e ter filhos. Do Norte ao Sul e do Levante ao Poente, pelos vales, plainos e montes arriba, são muitos mais aqueles que nascem que aqueles que morrem. Ora a terra não é madrasta, isso não: mas é sempre igual a si mesma. Os dias e os séculos correm sem que aumentem um palmo; e estão sempre nos mesmos sítios as raias com a Espanha... Vai daí, as criaturas, para não morrerem, hão-de comer: é a lei da Criação... Mal comparado, é como se as tetas da porca não bondassem para tantas bocas... Quero eu dizer na minha que a foice e o arado, a poda e os adubos, mais as represas, não chegam para fazer milagres — que são obra lá de cima. De jeito que as mães se quedam, e as crianças com as mães; enquanto os adultos, feitos à minha medida, e que não são pecos nem sofrem o peso

dos anos, atam as trouxas e abalam, de olhos postos no mar e nas terras de além do mar — o Brasil, a América, o Peru... Ah, camaradas, o mundo é tão grande, apesar de ser a modos que uma bola, como diz o meu padrinho... Parece impossível! Mas afinal toda a lonjura é redondeza... Bem pensado, que jogo de pasmar se havia de fazer com bola tamanha... (*O gesto descritivo acompanhou as palavras e a imagem desmedida fá-lo sorrir.*) Ena, pail!... Que mistério!... (*Um tempo; jogo cénico.*) Lá para o sítio adonde vou fala-se português... Desconfio que em toda a África se fala português... Na carta que o Tomé me escreveu o ano passado — antes de eu aprender na cartilha — estava escrito que não faltará emprego para quem mostre amor ao trabalho... Quando o senhor prior me leu estas regras, logo lhe disse: «Alto, a coisa é comigo!...» Então, ele, que tem medo de andar depressa, tornou-me: «Gil, pensa bem. — Já pensei, senhor Prior, já pensei»... E, sem tardanças, empenhei a palavra; e ao mesmo tempo que ia principian-do a juntar as letras, ia tratando dos papéis... Isto é tão verdade como eu estar aqui, no pinhal do João Ruivo... Mente quem disser o contrário!... Olha o Silvestre!... Eh, Silvestre!

Entra Silvestre. Mais velho que Gil uns anos. Tipo popular diverso: cauteloso, matreiro, desconfiado.

GIL — Também vais a Lisboa?

SILVESTRE — Eu, Gil? E que querias tu que eu fosse fazer a Lisboa? Vou mas é ali adiante à feira, mercar um cabrito.

GIL — Tomas a carripána?

SILVESTRE — Qual! E para que é que se fizeram as pernas?

GIL — Se eu fosse a ti mercava um casal. Os animais são como as pessoas: gostam de companhia.

SILVESTRE — E que é do dinheiro? Isso é bom para as mãos rotas da tua igualha, que não se apoquentam com o destino que dão às notas.

GIL — Ora vejam o falacioso! Como se não soubesses, tão bem como eu, que o dinheiro que aqui levo é para o bilhete da passagem e os sobejos para eu não me apanhar descalço. Era feio um lavrador meter-se às ondas, de tanga, como um valdevinos.

SILVESTRE — Pior é vender-se à toa o que se tem, a courela e as bestas, e desarvorar como um cigano.

GIL — Cáspite! Vens picado da mosca... E eu sei a razão. Estás abespinhado porque eu descurei os teus palpites.

SILVESTRE — Asno que zurra não admira que escouceie.

GIL — Então avia-te. Despeja a carga, pra que eu te aperte esses ossos. (*Abraça-o.*) Eh, rezingão duma figa!

SILVESTRE (*arredando-o*) — Oh!... Antes quiseste dar ouvidos a pantomineiros. É o que eu te digo, homem. Eles convenceram-te de que há um país em que as vacas têm os chifres de ouro.

GIL — Nunca ouvi falar nessas vacas.

SILVESTRE — Ai, que o réu se faz desentendido!... Isto é uma suposição. Como diz o outro, significa que foste no embrulho. Não devemos acreditar em coisas que se passam ao longe, quando as não podemos confirmar ao perto.

GIL — E que coisas são?

SILVESTRE — Eu cá me entendo. Toda a vida me dei bem com a desconfiança e o pé atrás. Desde que não enxergue e o negócio cheire a chamusco, faço-me de novas. O seguro morreu de velho. Chamam-me sonso? Deixá-lo.

GIL — Há quem te chame segurelho.

SILVESTRE — E a minha vontade era ter por alcunha: Toupeira ou Trancas-na-Porta... De que é que estás agora mofando, ó Gil?

GIL — Eu não estou mofando, compadre, estou rindo. Lembrou-me a história do candeeiro... o da iluminação pública — espevita a memória... o que tu quiseste mercar a um indivíduo do Bombarral, com a ideia de depois o vender cá na freguesia ao Chico Ferreiro. Não te lembras?

SILVESTRE — A história não foi bem assim, diabos te levem!

GIL — Então, Silvestre, conta lá como foi.

SILVESTRE — O engenho tinha uma parte de fora e uma parte de dentro. A parte de fora estava desengonçada e encarapuça-